



O HOMEM DO PRINCÍPIO AO FIM: PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES HOMOSSEXUAIS NA REVISTA ROSE (1979 A 1983)

Charles Roberto Ross Lopes¹
Fernando Seffner²

Minha pesquisa de mestrado emprega como fonte histórica a revista *Rose* publicada no Brasil em fins da década de 1970, princípios de 1980. É, portanto, a partir desse *corpus* documental que as masculinidades homossexuais são analisadas segundo a perspectiva teórica dos estudos de gênero.

Dessa maneira, essa revista não será compreendida como mero veículo de informação ou entretenimento, mas sim como uma das possibilidades de conhecimento acerca das masculinidades homossexuais num determinado contexto histórico e cultural – o da sociedade brasileira em princípios da década de 1980. É importante ressaltar, também, que nessa mesma época há outros processos e modos de construção das homossexualidades masculinas. Entretanto, meu interesse está centrado na maneira com a revista *Rose* produziu uma determinada masculinidade homossexual. Portanto, ao recorrer a essa fonte de pesquisa não irei falar do modo como os gays viviam naquela época, mas sim de um suposto processo de normalização em andamento que permite, naquele momento, tornar visível um modelo específico de homossexualidade.

Para tanto, analiso, ao longo de 24 edições³ da revista, os artigos redigidos na seção *Confidências*, cuja temática refere-se às homossexualidades masculinas, e as imagens que compõem os pôsteres de *Rose* e o concurso fotográfico *O homem do princípio ao fim*.

Gênero, masculinidades, homossexualidades...

A compreensão e articulação de alguns conceitos são imprescindíveis para que possa analisar meu objeto de pesquisa, ou seja, as masculinidades homossexuais. Nesse sentido, exploro a seguir alguns desses aportes teóricos.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (linha de pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. charlesross17@yahoo.com.br.

² Doutor em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ As edições que constituem o *corpus* de análise de minha pesquisa são: 19 (editada em 1980); 48, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58 (publicadas em 1981); 59, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79 (editadas em 1982); e 81 (publicada em 1983). Além dessas edições ainda possuo 32 exemplares da revista que não serão contemplados em minha análise. No presente artigo referencio alguns deles.



Gênero é aqui compreendido como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, e como “um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.⁴ Ele indica, portanto, um conjunto de construções sociais que determinará (ou pretende determinar) como homens e mulheres devem ser, se comportar, e desejar, produzindo modos viáveis de masculinidades e feminilidades num determinado contexto social e histórico. Dessa maneira, seu emprego “põe a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas ele não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”.⁵

Assim, a proposta dos estudos de gênero consiste em refletir como determinada visão de gênero foi construída e se impôs discursivamente a um grupo num período e espaço, remetendo ao seu caráter eminentemente histórico. Há a intenção de afastar-se de “proposições essencialistas sobre os gêneros [uma vez que], a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista *a priori*”.⁶

Judith Butler (2007), analisando as relações de poder presentes no discurso que produz mesmo a categoria de gênero, nos alerta que o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado. Mas tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo que “a natureza sexuada” ou ainda “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

Nesse sentido, a sexualidade pode ser tomada como “uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault denominou ‘o corpo e seus prazeres’”.⁷

Logo:

[...] a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.⁸

⁴ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 101-132, jul./dez., 1995, p. 86.

⁵ *Ibid.*, p. 76.

⁶ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 23.

⁷ WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 43.

⁸ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007, p. 100.



Portanto, nenhuma forma de sexualidade – e também de vivência dos gêneros – é natural ou espontânea, mas sim, produzida historicamente através de múltiplas instâncias e práticas que instauram saberes e produzem verdades. É nessa perspectiva que as masculinidades devem ser compreendidas. De acordo com Robert Connell (1995) “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Há, normalmente, “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”. Assim, “diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social”, e “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória”.⁹

Devido à pluralidade de configurações não deveríamos falar em masculinidade, mas sim em *masculinidades*. É nesse sentido que considero as homossexualidades como uma dentre outras maneiras de viver as masculinidades. Se, nas palavras de Simone de Beauvoir (1988), “ninguém nasce mulher, mas se torna mulher”, creio que tampouco alguém nasce homossexual, mas se torna homossexual ao longo de sua própria existência. Aprende-se a viver como tal na cultura, pelos discursos repetidos de diversas instituições, da mídia, da ciência e das leis.

Não apenas a homossexualidade é uma construção datada historicamente, como também a própria heterossexualidade. O discurso histórico responsável pela criação de ambas é uma invenção moderna. Portanto, a heterossexualidade não foi apenas imposta, ela foi inventada enquanto um arranjo histórico particular dos sexos e de seus prazeres. Houve, dessa maneira, a construção e estabelecimento de um ideal erótico dominante de sexos diferentes, isto é, uma ética heterossexual. Segundo a perspectiva de Jonathan Katz (1996), embora a palavra *heterossexual* possa ter sido inventada há pouco tempo, certamente os sentidos e atos não o foram. E o mesmo pode ser dito sobre a homossexualidade.

A idéia de homossexualidade é produzida historicamente no contexto daquilo que Michel Foucault chama de *dispositivo da sexualidade*, compreendido como práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer “verdades” a respeito do corpo e seus prazeres.

Para Foucault, este seria o meio pelo qual a sexualidade é produzida e regida, bem como o sexo disciplinado. Assim, o dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência”.¹⁰ Dessa maneira, “foi por volta de

⁹ CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995, p. 188-189.

¹⁰ FOULCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008, p. 244.



1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la [a homossexualidade] como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos”.¹¹

A partir de então se estabelece um controle sobre os corpos dos homossexuais que se alinharia ao processo de produção de discursos sobre suas práticas afetivo-sexuais. Discursos esses pautados, sobretudo, nas normas regulatórias do sexo que apresentam por sua vez um caráter performativo na medida em que produzem o sexo, os corpos, e os sujeitos que nomeiam.

O que lemos... O que vemos em Rose...

Publicada e distribuída mensalmente pela *Grafipar* – Gráfica Editora Ltda, com sede em Curitiba, *Rose* é lançada no mercado editorial brasileiro em março de 1979.¹² Embora com pequenas dimensões (20,5cm de altura por 13,5cm de largura) e poucas páginas, a revista apresentava aos seus leitores uma diversidade de assuntos desde textos sobre comportamento, variedades culturais, astrologia, humor, contos eróticos; até discussões sobre o movimento feminista e homossexualidade masculina.

É certo que *Rose* surge como uma publicação direcionada ao público feminino. Sua proposta editorial afirma que a intenção da revista não era oferecer ilusões, mas sim prestar um serviço às mulheres no que tange a luta por “direitos e oportunidade iguais de desenvolvimento pessoal e profissional”.¹³ “E essa tem sido a preocupação constante de nossos artigos, com informações honestas e claras sobre assuntos que variam de leis trabalhistas a orgasmo, de educação de crianças aos métodos anticoncepcionais”.¹⁴

As vivências femininas tanto no espaço doméstico, quanto no âmbito público compunham os textos da seção *Fora da cama*. Nela, temáticas diversificadas eram contempladas, desde os cuidados com a organização doméstica e com a educação da prole, até os avanços nos direitos civis conquistado pelas mulheres no cenário nacional e internacional.

A principal característica apresentada por *Rose* era a interação que estabelecia com os/as leitores/as através das cartas que estes/as enviavam as suas seções – sobretudo, *Informação Sexual* e *Confidências* –, ou aos anúncios eróticos que eram publicados nas páginas finais da revista. Além

¹¹ Ibid., p. 233.

¹² Já em princípios de janeiro de 1980 (edição n. 11) a revista torna-se uma publicação quinzenal, assim permanecendo até outubro de 1982 quando retorna novamente a ter edições mensais. O último exemplar da revista que disponho (edição n. 81) data de fevereiro de 1983. Devido à escassez de informações sobre a revista, não tenho como afirmar se foi, ou não, nessa data que ela deixou de circular.

¹³ *Rose*, n. 5/79, Editorial, p. 3.

¹⁴ *Rose*, n. 16/80, Editorial, p. 3.



disso, outro meio de comunicação com seu público era estabelecido por intermédio da promoção de concursos permanentes que premiava com quantias em dinheiro seus ganhadores. Exemplo do concurso *Contos eróticos*, dos cartuns *Dê o ar de sua guei-graça*, e dos concursos fotográficos *Rose e Eles*, *Vitrine de Rose*, e *O homem do princípio ao fim*.

Os cartuns do concurso *Dê o ar de sua guei-graça*, provavelmente apresentavam o perfil gay que deveria se distanciar de uma suposta vivência legítima das homossexualidades. Num deles (ed. n. 55, p. 32), vemos um homem vestindo blazer, camisa, gravata borboleta e cartola, sem vestes da cintura para baixo, correndo atrás de uma batuta, ou vara de mágico, e dizendo: “Vem cá varinha vamos fazer uma mágica”. Já na página 32 da edição n. 60, há um homem usando trajes femininos (calça justa, sapatos de salto alto, camisa entreaberta com as pontas amarradas na altura da cintura), brincos, pulseiras, penteado elaborado e caricaturalmente maquiado. Nessa cena, há outro homem vestindo roupas sóbrias (sapato, calça, casaco, chapéu) que contempla pensativamente (conforme sugere o ponto de exclamação sobre sua cabeça) o outro sujeito apoiado numa placa onde lemos “Pare, olhe, carregue”. Noutro desenho (ed. n. 76, p.40) observamos um papagaio sendo passivo numa relação sexual com outra ave. Sobre a cabeça deste está escrito: “Cansei de dar o pé!!...”. Portanto, nessas imagens a figura do homossexual está articulada a atributos culturalmente definidos como próprios do gênero feminino – roupas, maquiagem, uso de adereços, passividade sexual, etc. Então: essa figura do gay efeminado não é eleita pela revista como um elemento a ser combatido a fim de instituir uma conduta discreta e masculinizada para os homens homossexuais? A formulação de uma imagem do homem gay lascivo, efeminado, não reitera uma homonormatividade?

Ainda que destinada oficialmente ao público feminino, “a revista que informa as mulheres e tira a roupa dos homens”,¹⁵ lentamente passou a explorar o nicho de publicações gays, que ao que parece era inexistente no Brasil até princípios da década de 1980. *Rose* transforma-se, portanto, numa revista direcionada ao público homossexual masculino. “Sem dúvida a pioneira, a primeiríssima do Brasil (e, PORTANTO, A PRIMEIRA E MAIS ANTIGA REVISTA GUEI DO BRASIL)”¹⁶.

Essa transformação pode ser constatada através das mudanças ocorridas em seu perfil editorial. Gradualmente os artigos redigidos direcionavam seu enfoque temático para questões vinculadas à homossexualidade masculina, como era o caso exemplar de *Confidências*. Além disso,

¹⁵ Slogan impresso nas capas da revista *Rose*.

¹⁶ *Rose*, n. 81, p. 6, grifos da revista.



houve a criação de novos espaços onde eram exibidas fotografias que exploravam cada vez mais a nudez masculina.

Se inicialmente a revista estava articulada as problemáticas do movimento feminista, na medida em que há essa mudança, parece ocorrer um apagamento, um esvaziamento do caráter político do movimento feminista, e até mesmo do movimento homossexual que está emergindo no país. Esse processo é acompanhado pela elaboração de imagens das homossexualidades atreladas ao feminino, que serão tomadas como exemplos indesejados ao modelo de homossexualidade que é proposto como sendo ideal pela revista. Tal modelo está pautado em valores marcadamente masculinizados, onde se pretende produzir corpos masculinos bem comportados – seja no jeito de vestir ou na maneira de se movimentar –, e viris.

Partindo da hipótese que a revista está implicada na produção de uma masculinidade homossexual normalizada, me indago sobre quais estratégias são empreendidas por ela a fim de produzir e reiterar um modelo legítimo de experimentação homossexual, isto é, no sentido de ensinar aos homens as condutas homossexuais adequadas; e se há indícios que sinalizam movimentos de resistência, de subversão a homonormatividade estabelecida pela revista através desses empreendimentos normalizadores.

Seção Confidências

As discussões sobre as homossexualidades masculinas estavam concentradas nos artigos de *Confidências*. Neles a sexóloga Nina Foch respondia as “angústias afetivo-sexuais” – *ou seriam as confissões?* – dos leitores que escreviam a seção.

Algumas cartas relatavam os conflitos gerados pela vivência – ou não – da homossexualidade. Noutras os leitores mencionavam a solidão, o desprezo, e o sofrimento que faziam parte de suas vidas. As paixões, o amor por outro homem nem sempre correspondido, ou aceito por aquele que nutre tais sentimentos; as traições; a decisão e os custos morais em assumir um relacionamento; o sexo com os michês; a impotência sexual... constituíam alguns dos elementos encontrados nesses textos.

A busca pelas causas explicativas da homossexualidade, assim como, dos trejeitos afeminados, também era recorrente nesses artigos.

Assim como a origem e – digamos – as “causas” do homossexualismo constituem um universo muito amplo, impossível de ser generalizado, da mesma forma o modelo feminino assumido por muitos homossexuais tem uma série de fatores determinantes. Na fase do complexo de Édipo, a criança normalmente rejeita a figura do pai, o modelo paternal, assumindo a figura da mãe. Um pai ausente ou agressivo pode constituir um forte agravante desse quadro. A mãe mal-amada e possessiva elimina essa figura do pai – fatores que passam para a



criança, desde os primeiros anos de vida. A psicanálise tem como certo que este é um dos fatores predominantes”.¹⁷

O resultado das pesquisas do americano Alfred Kinsey sobre a sexualidade humana, publicadas em 1948, serviam de base científica para as explicações formuladas pela revista no que se referia a homossexualidade.

A pesquisa de Kinsey demonstrou que há 7 graus diferentes nessa escala de preferência sexual: 0 – Heterossexual exclusivo. 1 – Heterossexual - acidentalmente homossexual. 2 – Heterossexual - mais do que acidentalmente homossexual. 3 – Igualmente Heterossexual e Homossexual (comumente chamado de Bissexual). 4 – Homossexual - mais que acidentalmente heterossexual. 5 – Homossexual - acidentalmente heterossexual. 6 – Homossexual exclusivo.¹⁸

Portanto, fica evidente que ao recorrer a tais argumentações a revista partilhava do pressuposto que a homossexualidade consistia num dado “natural” suscetível a explicações biológicas.

É interessante observar, também, que a escrita de muitos leitores acaba por estabelecer hierarquias classificatórias que cristalizam determinadas dicotomias – *ativos x passivos, homens/machos x gays/bichas...* Provavelmente haja entre esses homens um grande desconforto em serem considerados como gays, e mais ainda, em serem identificados como parceiros sexualmente passivos. De acordo com a revista “*o que o parceiro do homossexual mais teme é justamente a classificação [...] de que seja ele outro homossexual*”.¹⁹ Incômodo que é manifestado por um leitor ao afirmar que: “*eu não sou guei e nunca seria um guei passivo, não tenho preconceitos, apesar de sentir nojo de algumas ‘bicha’. [...] Já tive duas experiências homossexuais no ativo e passivo, ao mesmo tempo, e confesso que da primeira vez gostei, mas na segunda, senti nojo de mim mesmo*”.

20

Algumas cartas nos permitem visualizar casos em que homens recorriam à prostituição masculina. Não são poucos os leitores que afirmam manter relações passageiras com michês, e que na maioria das ocasiões sentiam-se explorados por esses meninos.

Hoje, aos 25 anos, começo a me sentir objeto de exploração. Não há nada daquele amor tão sonhado, não há amizade, nem ao menos uma camaradagem. É sexo pelo dinheiro, de uma forma aviltante. É uma troca onde a gente só sai perdendo: [...], está uma barra difícil de agüentar, essa de ter que separar metade do salário para a ‘caça’, para o ‘michê’ da garotada.²¹

Provavelmente tais relatos apontam para uma possibilidade de resistência ao modelo do homossexual comportado, normalizado que supostamente é produzido e reiterado pela revista.

¹⁷ Rose, n. 65, p. 30.

¹⁸ Rose, n. 78, p. 32-33.

¹⁹ Rose, n. 55, p. 30-31.

²⁰ Rose, n. 50, p. 38.

²¹ Rose, n. 76, p. 32.



Neles há o aparecimento da figura de homossexuais promíscuos que buscam satisfazerem seus desejos sexuais com garotos de programas. Homens que se lançam a “caça” de parcerias sexuais, que reservam parte de seu dinheiro “para o michê da garotada”. Contudo, essas práticas que transgridem os comportamentos considerados pela revista como sendo adequados aos homossexuais, não são de todo censuradas por ela. Caso contrário não seria possível ler artigos nos quais são redigidas explicações favoráveis a figura do michê. Até porque, de acordo com a sexóloga Nina Foch, a comercialização do sexo não ocorre apenas entre os homossexuais, mas constitui um procedimento corriqueiro também no “mundo heterossexual”. Haveria aqui um espaço para a subversão e a resistência?

Os pôsteres de Rose e O homem do princípio ao fim

Ainda que Michel Foucault não tenha se dedicado à elaboração sistemática de uma teoria da imagem, ele formulou questões pertinentes no que diz respeito às análises de imagens. Para o autor tais análises jamais podem ser empreendidas como um mero exercício de significação, e muito menos como uma tranqüila descrição. Isso porque “a relação da linguagem com a pintura [isto é, com a imagem] é uma relação infinita”. “Por mais que se diga o que se vê, o que se vê não está jamais no que se diz”.²²

Nessa direção, as imagens devem ser exploradas enquanto *acontecimento*. Elas não dizem respeito ao que é da ordem da representação. Não existe “a” imagem tomada como soberana e passiva diante de um mundo de significações. Antes disso, devemos pensar a imagem como sempre sendo portadora de outras imagens. Como “funda de imagens”, como “foco para miríades de imagens em jorro”, como “lugar de nascimento das imagens”.²³

O que interessa são as imagens, “o acontecimento que ocorreu, e que continua incessantemente a ocorrer sobre a imagem, pelo próprio fato da imagem”,²⁴ e não o que elas supostamente representam, ou a busca de algo que se esconde atrás delas. O desafio diante do qual me deparo consiste em assegurar o *trânsito das imagens*, o acontecimento que ocorreu – e permanecerá ocorrendo na medida em que proceder minhas análises – sobre as imagens que circulam na revista *Rose*.

²² FOUCAULT, Michel. As damas de companhia. In: _____. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a, p. 201-202.

²³ FOUCAULT, Michel. A pintura fotogênica. In: _____. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b, p. 352-353.

²⁴ *Ibid.*, p. 351.



Dentre as seções da revista que exibiam imagens de corpos masculinos me proponho analisar os *pôsteres de Rose*, e o concurso *O homem do princípio ao fim*. Satisfazendo os apelos dos leitores/as, nesses espaços eram exibidas fotos das nádegas, das coxas, de peitos peludos, assim como de nus frontais.²⁵

Os *pôsteres de Rose* ocupavam as páginas centrais da revista. Nessas imagens coloridas é possível visualizar a nudez de corpos masculinos magros, brancos, de aparência jovem, e com pêlos. Indiferente dos ângulos das fotos, os homens apresentam um olhar sóbrio, sério, geralmente direcionado para os leitores/as que os contemplam. Raramente eles aparecem com o pênis ereto. Além disso, poucos têm a musculatura corporal trabalhada.

As imagens exibidas no concurso *O homem do princípio ao fim*, não diferem muito, havendo uma constância nas poses e ângulos das fotografias, assim como, dos perfis corporais. Esse concurso foi criado a partir de edição 74, e suas imagens coloridas compunham as duas páginas iniciais e as duas páginas finais da revista. Os leitores interessados deveriam encaminhar para a redação da revista um lote contendo 12 slides coloridos com suas fotos, acompanhado de autorização para publicação, e fotocópia de seus documentos (identidade e CPF) e do fotógrafo. Os participantes concorriam ao prêmio de 20 mil cruzeiros, divididos entre o fotógrafo e o modelo.

O ângulo dessas fotografias, assim como as demais imagens visualizadas, permanece centrado no pênis, peito e rosto dos homens fotografados. Quanto os espaços que servem de cenário variam entre recintos domésticos – quartos, salas, varandas – a estúdios fotográficos.

Provavelmente a revista *Rose* operacionaliza uma série de ensinamentos que pretendem “normalizar” os homens homossexuais, limitando as possibilidades de experimentação de prazeres e vivências que transgridam os contornos das práticas instituídas por ela como “normais”, ou seja, relacionamentos monogâmicos, estáveis, comportamentos discretos, postura corporal sóbria, ênfase nos atributos característicos do gênero masculino...

Nesse sentido, tais práticas podem ser consideradas como pedagogias do gênero e da sexualidade. Essas pedagogias “colocam em ação várias tecnologias de governo, e esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos”. Há, portanto, “um investimento continuado e produtivo dos

²⁵ Somente após a extinção da censura prévia em 1979 é que a revista irá publicar fotos de nu frontal. Seu vigésimo oitavo exemplar marca o início da publicação de edições sem censura. Cabe mencionar que, segundo lemos em alguns de seus editoriais, a revista é pioneira no país na publicação de nus masculinos.



próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero”.²⁶

Por não se tratar de um texto finalizado, acabado, hermeticamente fechado, mas sim de uma escrita em percurso, a indagação que permanece é como a revista colocou em ação um conjunto de pedagogias do gênero e da sexualidade que estabelecerão um modo legítimo de vivência e experimentação das masculinidades homossexuais.

Referência Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 151-172.

CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

FOUCAULT, Michel. A pintura fotogênica. In: _____. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b, p. 347-355.

_____. As damas de companhia. In: _____. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a, p. 194-209.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 18º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Microfísica do Poder*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

KATZ, Jonathan Ned. A genealogia de um conceito sexual – Da história homossexual à história heterossexual. In: _____. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 13-30.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: _____ (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-34.

²⁶ LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: _____ (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 25-26.



Revistas *ROSE*, edições número: 5/79, 16/80, 50, 55, 60, 65,76, 78 e 81.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 101-132, jul./dez., 1995.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 35-82.